

TOMÁS ELOY MARTÍNEZ

PURGATÓRIO

Tradução de Helena Pitta

Há trinta anos que Simón Cardoso tinha morrido quando Emilia Dupuy, sua mulher, o encontrou à hora do almoço na sala reservada do Trudy Tuesday. Dois desconhecidos falavam com ele num dos compartimentos do fundo. Emilia julgou que tinha entrado no lugar errado e o seu primeiro impulso foi retroceder, afastar-se, voltar à realidade de onde vinha. Ficou com falta de ar, com a garganta seca, e teve de se apoiar no balcão do bar. Procurava-o há toda uma vida e tinha imaginado a cena inúmeras vezes, mas agora que a vivia apercebia-se de que não estava preparada. Os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas, queria gritar o nome dele, correr até à mesa e abraçá-lo. No entanto, só tinha forças para não cair redonda no meio do restaurante, chamando a atenção como uma tonta. Mal conseguiu andar até ao compartimento contíguo ao de Simón, onde se sentou em silêncio à espera de que ele a reconhecesse. Enquanto isso, teria de fingir indiferença e de ficar calada, embora o sangue lhe latejasse nas fontes e o coração lhe saísse pela boca. Fez sinal para que lhe servissem um *brandy* duplo. Precisava de se acalmar, de deixar de rezear que os seus sentidos se confundissem, tal como acontecia à sua mãe. Às vezes alguns sentidos traíam-na, perdia o olfacto, desorientava-se em ruas que conhecia de cor e deitava-se ouvindo canções idiotas que não sabia como chegavam à sua aparelhagem.

Tornou a olhar para o compartimento de Simón. Queria certificar-se de que era ele. Viu-o de frente, a falar com os desconhecidos animadamente. Não tinha dúvidas: eram os seus gestos, a curva do seu pescoço, o sinal escuro sob o olho direito. Não era apenas surpreendente o seu marido estar vivo. Mais inexplicável era não ter envelhecido. Continuava ancorado nos trinta e três anos e até a roupa dele era a mesma de antes. Usava calças à boca-de-sino que já ninguém se atrevia a vestir, uma camisa aberta de colarinho grande como as de John Travolta em *Febre de Sábado à Noite*, as patilhas e o cabelo comprido de outra época. Para Emilia, pelo contrário, o tempo tinha passado naturalmente e o seu corpo deixava-a desconfortável. As olheiras e os músculos da cara denunciavam uma mulher de sessenta anos, enquanto nele não se via uma única ruga. Tinha imaginado infinitas vezes a cena em que voltava a encontrá-lo e em nenhuma, em nenhuma, a questão da idade se lhe tinha colocado. Este desajuste do tempo obrigava-a a rever o que tinha previsto. E se, por acaso, Simón tivesse voltado a casar-se? A simples ideia de que pudesse viver com outra mulher atormentava-a. Em todos estes anos nunca tinha duvidado de que o marido continuava a amá-la. Podia ter tido relações ocasionais, era capaz de o compreender, mas depois do calvário que tinham vivido juntos, não concebia que a tivesse substituído. No entanto, a situação já não era a mesma. Agora ele podia ser seu filho.

Voltou a observá-lo mais atentamente. Apavorou-a o muito que ele destoava da realidade. Aparentava ter metade dos sessenta e três anos que os seus documentos deviam declarar. Veio-lhe à memória uma fotografia de Julio Cortázar tirada em Paris em fins de 1964, quando o escritor, nascido no início da Primeira Guerra, parecia ser também o seu próprio filho. Talvez Simón tivesse na pele, tal como Cortázar, umas rugas finas que só se notavam de perto, mas o que lhe ouvia dizer na mesa contígua, atrás de si, era de uma juventude desafiadora, e até o timbre da voz era o de um rapaz, como se o tempo fosse uma passadeira sem fim e ele tivesse estado a correr sem avançar um único dia.

Emilia resignou-se a esperar. Abriu o romance de Somerset Maugham que trazia consigo. Acontecia-lhe uma coisa estranha com o livro. Chegava ao fim de uma linha e tropeçava com uma espécie de barreira que a impedia de avançar. Não por achar Maugham aborrecido. Pelo contrário, entretinha-a muitíssimo. Tivera uma experiência semelhante com a versão em DVD de *Morte em Veneza*. Pouco depois de ter começado o filme, quando Dirk Bogarde contemplava perturbado o belo adolescente, Tazio, a sair do mar do Lido, a imagem dava um salto e regressava às conversas em russo – ou seria em alemão? – dos banhistas e dos vendedores de framboesas na praia. Emilia pensou por instantes que o realizador repetia as vulgaridades dos veraneantes para dar outra lição de realismo crítico e tentou passar para a cena seguinte. Mas a imagem de Tazio sacudindo a água do mar voltava, obstinada, acompanhada pelo mesmo acorde da quinta sinfonia de Mahler. Passadas duas noites, quando o prazo para a devolução do filme estava a esgotar-se, Emilia pô-lo novamente no DVD e conseguiu chegar até ao trágico final. Sabia que a velhice lhe aumentava a lentidão, mas acreditava que, com um pouco mais de atenção, conseguiria corrigi-la.

As vozes dos homens no compartimento do lado exasperavam-na. Queria concentrar-se apenas na de Simón e tudo o que a afastava dele lhe parecia insuportável. Num restaurante onde raras vezes se ouvia outra coisa além do sotaque arrastado e nasalado de New Jersey, os dois homens intercalavam no seu inglês rústico palavras técnicas e interjeições escandinavas. Mencionavam os vectores do programa Microstation, que também se usava na Hammond, onde ela trabalhava. Sem que viesse a propósito, um dos desconhecidos repetiu lições que se aprendem nas primeiras aulas de Cartografia. Os mapas, disse, são cópias imperfeitas da realidade, que descrevem em superfícies planas o que na verdade são volumes, cursos de água em perpétuo movimento, montanhas afectadas pela erosão e pelas derrocadas. Os mapas são ficções mal escritas, continuou. Demasiada informação e nenhuma história. Mapas eram os de antigamente: onde havia nada, criavam mundos. O que não se sabia imaginava-se. O mapa de África feito por

Buonsignori, lembam-se, continuou o homem, com o reino de Canze, de Melinde, de Zaflan, invenções puras. Do lago de Zaflan nascia o Nilo, e coisas assim. Em vez de orientar os caminhantes, fazia-os esquecer o caminho. Os desconhecidos passavam de um assunto para outro sem deter a torrente. Emilia recordou o mapa de Buonsignori. Sonhara com ele, vira-o em Florença ou no Vaticano? As vozes deixavam-na agoniada. Não conseguia apanhar as palavras por inteiro. Chegavam-lhe aos ouvidos desgarradas, em fiapos. Uma frase que parecia prestes a fazer sentido era interrompida pelos camiões dos bombeiros ou pelo gemido animal das ambulâncias.

O homem de voz mais rouca e gasta disse para não perderem tempo e discutirem de uma vez a expedição a Kaffeklubben. Que loucura, Kaffeklubben, disse Emilia para consigo. Uma ilhota a norte da Gronelândia, a Última Thule onde dobravam em direcção à perdição todos os ventos do mundo. Organizemos a expedição quanto antes, insistiu o rouco. Em Copenhaga julgam que há outro penhasco mais a norte. Se não existe, nada nos impede de o imaginar.

Let's think more about that, let's think more, interrompeu-os Simón. Emilia sobressaltou-se. Reconhecia-lhe a voz, mas no que dizia restavam poucos traços do antigo Simón. Este indivíduo falava um inglês fluente, pronunciava com cuidado as consoantes finais, *think, let's*, com uma dicção britânica inatingível para o marido, que nem sequer era capaz de ler os manuais técnicos noutras línguas.

O que faz uma pessoa ser quem é? Não a música ou o resíduo das suas palavras, não as linhas do corpo, nada que esteja à vista. Tinha-se enganado mais de uma vez, correndo na rua atrás de homens que andavam como Simón ou que deixavam atrás de si o vapor de um perfume que lhe evocava a nuca dele e quando os olhava de frente ficava desolada. Porque não há duas pessoas iguais? Por que razão os mortos nem sequer têm consciência de que morreram? O Simón que falava a três passos da sua mesa era o de há trinta anos, mas não era o mesmo de há dez minutos. Qualquer coisa nele se modificava com demasiada rapidez para conseguir alcançá-lo.

Escapava-lhe outra vez, meu Deus, ou era antes ela que o perdia? Não me deixes outra vez, querido Simón. Não vou sair do teu lado. Não vou permitir que vás sozinho. A verdadeira identidade das pessoas são as lembranças, tranquilizou-se. Eu recordo todo o seu ontem como se fosse agora, disse para consigo, e o que ele recordar de mim continuará a fazer parte do seu ser verdadeiro. Recorda-o, trá-lo, não o percas.

Emilia levantou-se, parou diante dele e, decidida, olhou-o nos olhos.

Querido, meu querido, onde estavas?

Ele devolveu-lhe o olhar, sorriu-lhe sem perturbação ou surpresa e despediu-se dos escandinavos. Depois olhou para Emilia como se a tivesse visto no dia anterior.

Temos de falar, não é verdade? Vamos sair daqui.

Não lhe deu uma única explicação, não lhe perguntou como estava, o que lhe tinha acontecido em todos estes anos. Muito diferente do Simón cortês e atencioso com quem tinha vivido. Emilia pagou o *brandy*, deu o braço ao marido e dirigiram-se para a rua.

Há anos que, na vida de Emilia, cada acto era uma preparação para o momento em que voltaria a ver Simón. Esforçava-se por se manter flexível e por ser tão bonita como nunca tinha sido. Ia ao ginásio três vezes por semana e tinha ainda os músculos firmes, excepto na cintura e na cara, onde lhe era impossível controlar a acumulação de gordura. Desde que se tinha mudado para Highland Park, em New Jersey, aferrava-se a uma rotina sem sobressaltos. A rotina parecia-lhe sábia: as refeições e os duches à mesma hora, a paciência com que os minutos chegavam e partiam, tal como o amor tinha chegado para partir. Às vezes, à noite, sonhava com o amor perdido. Queria evitar esses sonhos, mas não podia fazer nada contra o que não era real. Antes de adormecer, repetia para consigo: só o que é real vale a pena.

Na Hammond dispunha de quarenta minutos para almoçar, embora meia hora chegasse e sobrasse. Os outros cartógrafos levavam sanduíches e devoravam-nas no desamparo dos escritórios,

entretendo-se a mudar os vectores de lugar: rios imaginários que seguiam o traçado de Central Park West, linhas férreas entre as saídas 13A e 15W da auto-estrada de New Jersey. Mais de uma vez os vira deslocar as suas casas para condados remotos, para a margem de mares quentes, porque um cartógrafo pode desviar, se quiser, o rumo do mundo.

Também ela, aos doze anos, tinha desenhado em relevo o mapa de algumas cidades, imitando a perspectiva oblíqua dos pássaros. Onde as casas eram baixas e o chão uniforme, inventava catedrais góticas e montanhas cilíndricas, em cujas encostas o vento esculpia saliências e arabescos. Transformava as avenidas comerciais em canais venezianos, com pontezinhas em arco sobre os telhados, e abria desertos inesperados, eriçados de cactos, nos jardins das igrejas, sem pássaros nem insectos, só uma poeira de morte que secava o ar. Os mapas tinham-na ensinado a desorientar a lógica da natureza, a criar ilusões, lá onde a realidade parecia mais invencível. Talvez por isso, depois de ter hesitado entre Letras e Arquitectura, ao chegar à universidade decidira-se pela Cartografia, apesar de ter dificuldades em compreender as projecções cilíndricas de Rand McNally e as percepções de microondas. Foi uma estudante especialista nos desenhos mas desajeitada nos cálculos. Demorou nove anos a terminar o que Simón, com quem se ia casar, tinha concluído em seis.

Conheceu Simón numa cave da avenida Pueyrredón, onde o grupo Almendra repetia para um público devoto os temas na moda: *Muchacha ojos de papel*, *Ana no duerme*, *Plegaria para un niño dormido*. Assim que os dedos de Emilia roçaram por acaso nos de Simón, ela sentiu que não teria necessidade de outro homem na sua vida porque todos os homens existiam nele, embora nessa altura não fizesse ideia de como se chamava nem se teria oportunidade de voltar a vê-lo. Só um roçar de dedos, e aquilo tinha significado calor, plenitude, felicidade, a sensação de já ter vivido muitas vezes o que na verdade estava a viver pela primeira vez. Naquele corpo desconhecido estava o mapa da sua vida, a representação do universo tal como a tinha visto numa enciclopédia taoista anterior a Cristo dois séculos: «A sua cabeça redonda é a abóbada celeste, os seus pés

delicados são a imagem da Terra, os seus cabelos são as estrelas, os seus olhos o Sol e a Lua, as suas sobrancelhas a Ursa Maior, o nariz assemelha-se a uma montanha, os seus quatro membros são as quatro estações, as suas cinco vísceras os cinco elementos.»

Ao sair do concerto, caminharam sem rumo por Buenos Aires. Simón deu-lhe a mão com naturalidade, como se a conhecesse desde sempre. Chegaram estafados a um bar no momento em que o fechavam, e demoraram um bom bocado a encontrar outro. Emilia telefonou duas vezes à mãe, para lhe dizer que não ficasse preocupada. Não os surpreendeu descobrir que estudavam a mesma coisa, Cartografia, e que os mapas lhes interessavam não como um meio de ganhar a vida, mas antes como códigos que lhes permitiam reconhecer objectos através das suas imagens. Isso era raro em jovens que tinham pouco mais de vinte e cinco anos, mas estavam na idade em que não queriam parecer-se com ninguém e achavam assombroso parecerem-se entre si. Surpreendia-os também que adivinhassem o que o outro estava a pensar quando se calavam. Emilia não tinha nada a esconder, mas envergonhava-a falar de si própria. Como explicar que continuava a ser virgem? A maior parte das suas amigas estavam casadas e com filhos. Apaixonou-se fugazmente por alguns colegas do secundário, dois ou três deles beijaram-na e tocaram-lhe nos seios, mas, quando queriam ir mais além, alguma coisa a repelia: o hálito demasiado forte, os furúnculos em ebulição, o cabelo oleoso. No entanto, sentia Simón como uma extensão do seu próprio corpo e teria sido capaz de despir-se e de dormir com ele desde a primeira noite, se este lhe tivesse pedido. Mas ele nem parecia pensar nisso. Nela interessava-o o que dizia e o que era, embora não lhe tivesse contado quase nada sobre si própria. Parecia ansioso por falar. Tinha saído com algumas raparigas na adolescência, só porque achava que devia fazê-lo. Não fizera nenhuma delas feliz e ele também não conseguiu sê-lo, até ter vivido, havia três anos, um amor que lhe pareceu definitivo.

Conheci-a quase da mesma forma que te conheci a ti, disse. Fomos a um concerto dos Almendra no Parque Centenario, e quando Spinetta cantou *Muchacha ojos de papel*, repeti-lhe o estribilho olhando-a nos olhos: *No corras más, quédate hasta el alba*.

Deverias seduzir sempre assim.

Com o tempo, essa canção perdeu a graça e agora é uma piroseira. Mas com aquela rapariga resultou. Correu tudo tão bem que até queríamos viver juntos. Pensámos nisso durante meses. Teríamos poupado muitos gastos inúteis.

Não estariam a pensar fazê-lo só pelos gastos.

Claro que não. Fôramos feitos um para o outro, era o que julgava. Trabalhávamos no mesmo escritório, desenhando mapas e gráficos para os jornais. Nessa época os gráficos pagavam-se bem. A minha família vivia em Gálvez, entre Santa Fé e Rosário, e a família dela era patagónia, de Rawson. Estávamos ambos sozinhos em Buenos Aires. Tínhamos muito poucos amigos. Uma tarde o pai telefonou-lhe e pediu-lhe que voltasse. A irmã mais velha tinha um cancro no sistema linfático, um Hodgkin, e tivera uma recaída. A quimioterapia enfraquecia-a e alguém teria de cuidar dela. Fui despedir-me à estação de autocarros. Ela chorou no meu ombro até embarcar e eu também chorei. Prometeu que me telefonaria quando chegasse e que voltaria assim que terminasse o tratamento, dentro de duas ou três semanas. Fiquei muito triste, como se o mundo tivesse desaparecido. Não me telefonou no dia seguinte nem durante todo o mês. Queria encontrá-la, mas não sabia como. Nessa época, Rawson parecia-me um lugar longínquo, de outro planeta. Continuar sozinho no meu apartamento de cinquenta metros quadrados era-me insuportável. Matava o tempo nas ruas, lendo nos cafés e andando até me sentir exausto. Eram as semanas posteriores ao regresso de Perón do seu longo exílio e havia manifestações a toda a hora. No entanto, Buenos Aires parecia-me mais deserta do que nunca. Caí numa depressão tal que, quando fechavam os cafés, não sabia o que fazer. Por distração cometi muitos erros no trabalho e ter-me-iam despedido se não escasseassem os desenhadores de gráficos. Acabei por não aguentar mais o silêncio e fui à central de telefones de Corrientes e Maipú para que me fizessem a ligação para todas as famílias com o mesmo apelido que vivessem em Rawson. Eram só seis e nenhuma tinha ouvido falar dela. Achei estranho, porque é uma cidade pequena e quase todos sabem quem é quem. Esperei outro mês

inutilmente. Não recebi cartas, mensagens, nada. Por fim decidi pedir licença no escritório e viajar às cegas até à Patagónia. Calculei que, uma vez em Rawson, não tardaria a encontrá-la. A viagem de autocarro durou vinte horas por uma rota plana e deserta, que parecia a representação do meu destino. Assim que cheguei pus-me à procura dela. Fui aos hospitais, falei com os oncologistas, procurei nas listas de falecidos. Ninguém sabia nada.

Fico desesperada só de te ouvir, disse Emilia.

Isto não é tudo. À noite perguntava nos bares. Sentava-me, pedia uma cerveja e punha a tocar *Muchacha ojos de papel* nas *jukeboxes*, na esperança de que a melodia a atraísse. Uma noite contei a minha tragédia ao dono de um bar e mostrei-lhe a fotografia que trazia na carteira. Acho que a vi em Trelew, disse-me. Porque não averigua aí? Trelew era uma cidade maior, catorze quilómetros a oeste, e as pessoas pareciam ser mais receosas. Tornei a dar os mesmos passos que já tinha dado em Rawson, mas desta vez perguntei também nas prisões. Não sei quantas vezes fiz a mesma coisa em todas as povoações dos arredores, Gaiman, Dolavon, Puerto Madryn. Quando regresssei a Buenos Aires tinha esperança de que ela estivesse à minha espera. Nunca mais voltei a vê-la.

Ainda estás à espera dela.

Já não. Há uma altura em que nos resignamos a perder por completo o que já perdemos. Sentimos que nos soltam a mão, que caem da nossa vida e que já nada é a mesma coisa. Lembro-me dela, claro, mas já não acordo a meio da noite a pensar que pode estar doente, ou com outro, ou morta. Às vezes interrogo-me se terá existido verdadeiramente. Sei que não a inventei. Ainda conservo uma das suas blusas, um par de sapatos, uma bolsinha com maquilhagem, dois dos seus livros. Ela também se chamava Emilia.

Dois anos depois casaram-se. Simón deixou de trabalhar para os jornais e integrou-se na equipa de cartógrafos do Automóvel Clube, onde Emilia estava há meses. Eram felizes, tal como ela tinha imaginado que seria a felicidade. Falavam com desenvoltura de assuntos que teriam deixado outros casais pouco à vontade e, em volta dessa confiança mútua, construíram a sua ordem doméstica.

Não encontrava no sexo o mesmo prazer de que as suas amigas falavam, mas disfarçava-o e calculava que o prazer chegaria por si só.

Só quando ele desapareceu numa viagem a Tucumán é que a culpa de não o ter feito feliz começou a atormentá-la. Sentia uns ciúmes dolorosos da outra Emilia, que Simón talvez continuasse a procurar. Tinha noites em que acordava com a sensação de que o corpo inteiro do marido estava dentro dela, explorando as cavernas mais profundas até lhe atravessar a garganta. Era um prazer tão real que a fazia chorar. Levantava-se e tomava um duche, mas quando voltava para a cama o espectro do corpo amado ficava-lhe gravado nas entranhas.